



Revista
de Psicologia

ISSN 2179-1740

BRINCAR COMO LINGUAGEM DA CRIANÇA: CONTRIBUIÇÕES CONTEMPORÂNEAS

PLAY AS A CHILD LANGUAGE: CONTEMPORARY CONTRIBUTIONS

Joyce Hilario Maranhão¹
Camilla Araújo Lopes Vieira²

Resumo

Esse estudo teórico apresenta um levantamento bibliográfico acerca das contribuições teóricas da clínica psicanalítica freudo-lacanianiana no que se refere à constituição psíquica e à função do brincar como uma modalidade da fantasia. O objetivo foi realizar uma interlocução entre os escritos de Freud e Lacan com as ideias de autores psicanalíticos contemporâneos, que têm construído um conhecimento sobre a clínica psicanalítica com crianças. Realizou-se o levantamento bibliográfico das obras dos autores Ciaccia (2005), Flesher (2012), Kraemer e Betts (1989), Jerusalinsky (2004), Oliveira (2008), Santa-Roza (1993), Souza (2007), Vidal (1992). O estudo orientou atividades com crianças em uma instituição não governamental em que o brincar foi um dos caminhos possíveis para a escuta do sujeito na infância, discurso este produzido a partir da significação de suas vivências em contexto de privação alimentar e vulnerabilidade socioeconômica. Acredita-se que a apropriação da teoria psicanalítica sobre o brincar e sua relação com a constituição do sujeito pode auxiliar na construção de espaços que proporcionam a capacidade lúdica e o agenciamento de narrativas criativas, a fim de que o sujeito possa expressar suas fantasias e dar sentido as suas vivências no laço social.

Palavras-chave: Psicanálise; brincar; constituição psíquica; infância.

Abstract

This theoretical study presents a bibliographical survey about the theoretical contributions of the freudo-lacanian psychoanalytic clinic regarding the psychic constitution and the function of playing as a modality of fantasy. The objective was to carry out a dialogue between the writings of Freud and Lacan with the ideas of contemporary psychoanalytic authors who have constructed a knowledge about the psychoanalytic clinic with children. Carried out the bibliographical survey of the works of the authors Ciaccia (2005), Flesher (2012), Kraemer and Betts (1989), Jerusalinsky (2004), Oliveira (2008), Santa-Roza (1993), Souza (1992). The study oriented activities with children's in a non-governmental institution where play was one of the possible ways to listen to the they, discourse that is produced from the meaning of their experiences in the context of food deprivation and socioeconomic vulnerability. It is believed that the appropriation of psychoanalytic theory about play and its relation to the constitution of the subject can help in the construction of spaces that provide the playful capacity and the produce of creative narratives, so that the subject can express their fantasies and build social bond.

Keywords: Psychoanalysis; play; subject, childhood.

¹ Psicóloga. Especialista em Pediatria e Psicopedagogia. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Saúde da Família da Universidade Federal do Ceará-campus Sobral. E-mail: joyce_hilario@hotmail.com. Endereço: Rua José Paulo Sobrinho, casa 554, São Bento, Fortaleza, Ceará. CEP: 60.875-525

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Saúde da Família da Universidade Federal do Ceará. Professora Adjunta do curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará- Campus Sobral. Doutora em Saúde Coletiva pela UFC/UECE/UNIFOR. E-mail: tgd.camilla@gmail.com

INTRODUÇÃO

Esse estudo teórico é um recorte de uma pesquisa monográfica em que o brincar, de acordo com o campo teórico da psicanálise, foi o eixo orientador de intervenções realizadas nos espaços de uma brinquedoteca e sala de espera de uma instituição não governamental que presta assistência a primeira infância na cidade de Fortaleza.

Apresenta-se um levantamento bibliográfico acerca das contribuições teóricas da clínica psicanalítica freudo-laciana no que se refere à constituição psíquica e à função do brincar como uma modalidade da fantasia. Articuladas as ideias de autores contemporâneos que construíram um conhecimento sobre a clínica psicanalítica com crianças, tais como:

Ciaccia (2005), Flesher (2012), Kraemer e Betts (1989), Jerusalinsky (2004), Oliveira (2008), Santa-Roza (1993), Souza (2007), Vidal (1992).

O brincar na psicanálise é considerado uma produção poética que permite a ordenação das coisas do mundo por meio de uma série de significantes do sujeito e dos outros. A fantasia pertence ao campo da palavra e da linguagem na constituição do sujeito no tempo da infância. Ainda, a fantasia contribui para a formação da imagem corporal do bebê e apóia a sustentação da ausência do outro dando alguma satisfação à criança.

Quando nascemos, somos incapazes de responder às nossas necessidades vitais por ainda não termos recursos fisiológicos e psíquicos suficientes necessitando do cuidado do semelhante para sobrevivermos para o desenvolvimento do Eu (Freud, 1914/2010a).

A inundação de impulsos no corpo do bebê gera, dentre muitos afetos, desprazer. No entanto, o bebê sozinho não é capaz de identificar o que lhe causa dor, por isso, convoca o auxílio de um outro para interpretá-la. Ao satisfazer-se com a ação desse semelhante, o bebê crê que ele mesmo é responsável pela transformação desse desprazer em prazer, uma vez que a diferenciação entre seu corpo e os outros objetos ainda está em vias de operar-se. Esta é uma das primeiras experiências da onipotência original, que nada mais é do que a fantasia de completude e, posteriormente, a matriz de uma imagem corporal.

Contudo, a realidade se imporá em seu exercício de teste de realidade, a partir da função intelectual do juízo que permitirá a introjeção de ideias no aparelho psíquico ou a repressão delas pelo bebê (Freud, 1925/2010b). Para tanto, é necessário que o outro fracasse em sua função para que haja a diferenciação corporal e psíquica entre o bebê e o cuidador.

O teste de realidade se instaura pelo fato do

bebê ser capaz de realizar uma operação psíquica de comparação da realidade trazida pelo outro e da sua realidade interna, tornando presente algo percebido e reproduzindo-o imaginariamente, sem que haja a necessidade do objeto existir no exterior (Freud, 1925/2010b).

A precondição para que se instaure o exame da realidade é a perda de objetos que um dia proporcionaram real satisfação, de tal modo que em outras experiências de satisfação haverá expectativa de reencontrar o objeto, isso é o que se espera que o bebê possa realizar sozinho, que ele represente a mãe na ausência da mesma.

Freud (1926[1925]/1996a) remete-se ao nascimento como a primeira experiência traumática que vivemos. Essa cena original de desamparo irá se repetir sob novas circunstâncias de duas maneiras: a angústia aparecerá espontaneamente como se revivesse a experiência de perigo original; ou o Eu a reproduzirá, como forma de se proteger diante da iminência de um perigo.

Na primeira formação da angústia, há um perigo real diante do desamparo físico, que se repetirá em outros momentos durante a infância e, com menos frequência, na vida adulta, devido nem sempre estarmos preparados para uma situação de limitação motora.

Já na segunda situação, a angústia está relacionada ao desamparo psíquico do Eu diante da pulsão. Assim, remonta-se à expectativa, de tal modo que, nos angustiamos por algo que nos é indefinido e pela perda do amor do objeto. Essa reação, frente ao perigo desconhecido poderá ligar-se a um perigo real, de modo a levar à consciência, tornando-se uma angústia realística com a qual o sujeito possa lidar mais habilmente.

A angústia sentida pela criança nas situações de desamparo físico e psíquico, quando não pode recorrer à ajuda de sua mãe, é a atualização de um trauma outrora vivido passivamente. Ao se repetir, de forma mais branda, o sujeito tenta dominar psiquicamente essas experiências passando da passividade à atividade.

A criança pequena ainda não é capaz de distinguir entre a ausência temporária da mãe e a sua perda permanente, de tal modo que a separação física da mãe torna-se angustiante. Freud (1926[1925]/1996a; 1905/1996b) supõe que a perda do objeto é dolorosa, assim, a angústia toma lugar no aparelho como meio de reagir a esse perigo.

Elas se comportam dessa maneira em relação a toda impressão aflitiva, reproduzindo-as em suas brincadeiras. Perder a mãe de vista parece ser a situação mais angustiante para a criança. Tal

experiência é tomada como definitiva, sendo necessárias repetidas experiências consoladoras até que ela aprenda que, geralmente, após o desaparecimento, há o reaparecimento da mãe (Freud, 1926[1925]/1996a, 1920/2010c).

A separação do corpo do outro requer que a criança seja capaz de representar essa ausência. Deste modo, o brincar surge como um ato, no qual ela utiliza os recursos psíquicos constituídos anteriormente, a fim de investir em outros objetos que lhe possam satisfazer. Através da ligação entre os objetos e situações imaginadas às coisas visíveis e tangíveis do mundo é possível que a criança reproduza as situações aflitivas na brincadeira. Assim, consegue atingir o objetivo de dominar suas experiências de um modo ativo, ao mesmo tempo em que, por exemplo, realiza seu desejo de tornar-se adulto (Freud, 1926[1925]/1996a; 1905/1996b; 1908[1907]/2006; 1920/2010c).

O que move as fantasias na brincadeira da criança são os desejos insatisfeitos, que podem ser revividos e realizados de forma a corrigir a realidade insatisfatória através da ligação entre os objetos e situações imaginados às coisas da realidade, sendo esta conexão o que diferencia o brincar infantil do fantasiar (Freud, 1908[1907]/2006). Assim, "a criança em crescimento, quando para de brincar, só abdica do elo com os objetos reais; em vez de brincar ela fantasia" (Freud, 1908[1907]/2006, p.136).

Essas repetições da experiência do "*fort-da*" (Freud, 1920/2010c) na brincadeira infantil e, posteriormente, nas fantasias dos adultos ocorrem porque há a inscrição de traços mnemônicos que possibilitam atualizar um objeto em sua ausência. O brincar, portanto, é efeito da estruturação do aparelho psíquico, a partir das relações sociais e culturais, que pode revelar os sintomas das crianças e suas formas de sofrimento.

O trabalho da clínica psicanalítica com crianças segue a mesma regra fundamental do tratamento dos adultos: a escuta do sujeito. É através de uma atenção flutuante, sem juízos de valor e que não espera um relato sistemático ou o provoca na criança, que cada pedacinho da história será repetido no brincar da criança, aparecendo os efeitos dos laços sociais (Freud, 1913/2010d).

A releitura por Lacan (1949/1998, 1953-1954/1986, 1964/2008) dos textos freudianos sobre a constituição psíquica traz a questão do sujeito e sua relação com o Outro para o centro das discussões acerca do desenvolvimento infantil e da estruturação psíquica. Assim como Freud, Lacan considera que o desenvolvimento humano só é possível na presença de um outro, em um processo de alienação-separação do semelhante, utilizando a metáfora do experimento do

estádio do espelho para explicar essa relação de alteridade. Todavia, explicita em sua obra a dimensão simbólica atribuída ao semelhante, propondo o conceito de grande Outro.

Lacan (1949/1998, 1953-1954/1986) ressalta o campo da linguagem na constituição da dimensão humana/ psíquica, numa imbricação de três registros denominados real, imaginário e simbólico. O estágio do espelho é uma experiência que remete às operações psíquicas de alienação e separação demarcadas em um tempo de constituição do sujeito. Na sequência lógica destas operações, os três sistemas irão fazer suas aparições, a fim de contribuir para a estruturação do sujeito psíquico.

O experimento do buquê invertido proposto por Lacan (1949/1998, 1953-1954/1986, 1964/2008) consiste em uma representação do desejo da mãe investido naquele que julga ser portador de algo que lhe falta: o bebê. Metaforicamente, podemos propor que caberá a ela ver flores em seu filho, enfeitá-lo, antecipando com seu olhar o que ainda não está ali, fantasiar uma unicidade, um corpo fortificado.

Assim, no estágio do espelho, há uma precipitação daquilo que o processo de maturação fisiológica ainda não permite ao sujeito, ou seja, essa junção do domínio das funções motoras corporais no real do corpo correlativamente ao domínio imaginário do corpo. Essa imagem é fantasiada pelo outro materno através do investimento libidinal no bebê, balizada no que ele supõe que o seu filho possua a partir de seus significantes.

Não há uma orientação que direciona o psiquismo desde o início, pois é do campo de significações do outro que nos tornamos seres viventes. Se, por um lado, o outro apresenta um semblante, o bebê de sua parte comparece a partir da negociação com o outro, numa conjugação do corpo pulsional à linguagem.

Assim como Freud (1908[1907]/2006), Lacan (1953-1954/1986) aponta a função que o brincar tem na constituição psíquica por meio de sua faceta fantasmática. Junto dos sonhos e devaneios, o brincar é mais uma via encontrada pela fantasia para se relacionar com o desejo e os objetos.

Embora as crianças brinquem espontaneamente, sua origem não é espontânea, pois sabemos que o brincar só é possível a partir das primeiras conquistas psíquicas que ocorrem com o "*fort-da*" (Freud, 1920/2010c), isto é, com os primeiros encontros e desencontros do sujeito com o Outro no início da vida.

A ascensão do sujeito ao mundo simbólico é a introjeção da palavra por meio da representação e nomeação das coisas do mundo numa articulação entre os sistemas Real, Simbólico e Imaginário descritos por

Lacan (1964/2008). A linguagem permite a formação do apelo que estabelecerá todas as relações de dependência do sujeito com os outros e permitirá significar e compartilhar suas experiências.

Para Lacan (1953/1978), o campo da fala e da linguagem são fundamentos importantes na experiência psicanalítica interessando à técnica, no entanto, reconhece a função do imaginário para a experiência da constituição do sujeito, ao referir-se às contribuições do estudo sobre a fantasia na "psicanálise das crianças" (Lacan, 1953/1978, p.107). Para o autor, falar da fantasia não significa abandonar o fundamento da fala. Ao contrário, justifica-se no tempo onde os primeiros efeitos da simbolização estão surgindo, de tal modo que o imaginário antecipa o que ainda está por vir: o sujeito.

O BRINCAR NA CONTEMPORANEIDADE

Alguns psicanalistas contemporâneos que pensaram a clínica com crianças, tais como Kraemer e Betts (1989), Vidal (1992), Santa-Roza (1993), Jerusalinsky (2004) e Flesher (2012), tratam o brincar a partir da relação que ele tem com a constituição do sujeito e suas reverberações na clínica. Estes autores compartilham a ideia do brincar como uma linguagem, considerando a brincadeira como um dos caminhos percorridos pela criança para constituir-se enquanto sujeito.

Santa-Roza (1993), afirma que a psicanálise é uma prática que se estabelece no campo da palavra e da linguagem, pois na análise o sujeito encontra-se com sua história através da palavra dirigida ao outro, uma vez que, a relação do homem com a ordem simbólica ocorre desde o sintoma até a formação do sonho. Portanto, há de se incluir o brincar no campo simbólico, pois é nele que o real e o fictício se aproximam e constroem seus discursos a partir do inconsciente.

A experiência do brincar possibilita que a criança fale do seu sofrimento, transitando entre seus significantes e os significantes de seus pais, produzindo um discurso com gramática singular de onde o sujeito poderá emergir, conjugando real, simbólico e imaginário (Flesher, 2012; Jerusalinsky, 2004).

Diante da fragilidade de recursos físicos e psíquicos, o humano somente se constitui como sujeito por intermédio da relação com o Outro. O sujeito idealizado pelos pais no imaginário e limitado no real recorre ao simbólico para dar solução a este impasse, entre o discurso fantasmático dos pais e a atualidade de seu corpo, mesmo que algo sempre falte no enodamento desses três registros.

A criança encontra no brinquedo, desenho, histórias de faz-de-conta, brincadeiras e jogos, recursos

para a representação dos impasses na constituição do sujeito e/ou êxitos do seu desenvolvimento psíquico, pondo em jogo sua fantasmática em relação ao grande Outro. A brincadeira enquanto produção poética da criança permite a criação de seu próprio mundo a partir da reordenação das coisas numa série de significantes que se relacionam com o desejo (Freud, 1908[1907]/2006; Kraemer & Betts, 1989). Já o Imaginário comparece ao dar consistência ao brincar e aos outros recursos criativos na interrogação do seu Ideal de Eu, desejo de vir a ser adulto, e Eu Ideal, corpo atual (Kraemer & Betts, 1989).

O lugar do brincar na clínica psicanalítica se apresenta enquanto discurso próprio do tempo da infância, onde o fantasiar da criança necessita do apoio de um objeto concreto que dê imaginariamente um suporte ao significante em suas cenas fantasiosas. Os recursos lúdicos, tais como: carro, boneca, bola, tintas, massinhas, etc., são objetos que dão suporte ao imaginário, sendo uma ponte do real com o simbólico, enlaçados pela fantasia, facilitando a entrada do sujeito na estrutura significante.

No entanto, isso não quer dizer que o que interessa ao analista seja o brinquedo ou o desenho, antes o uso simbólico que a criança faz deles como meio para falar de si e mostrar o caminho de sua estruturação psíquica é que conduz à escuta das associações por meio de desenhos, jogos, sonhos e relatos (Flesher, 2012; Jerusalinsky, 2004; Kraemer & Betts, 1989; Vidal, 1992).

Para Flesher (2012), a escuta de crianças na clínica psicanalítica se justifica nos tempos do sujeito, pois a especificidade do ato analítico reside na escuta do sujeito do inconsciente. Partindo dessa compreensão de que existem tempos do sujeito é que a autora traz suas contribuições acerca do lugar do brincar na psicanálise, ao considerar que em tempo há um modo singular do sujeito responder à demanda.

As operações psíquicas exigem objetos reais que ajudem o sujeito a tentar reproduzir na relação com o Outro a impossível complementaridade (Flesher, 2012). É necessário certo tempo para que a criança recrie a perda do objeto que ela representava para a mãe, ao mesmo tempo em que após a separação, por essa mesma via também se percebe como faltosa. A criança comparece com seus traços diferenciais e recursos simbólicos para redistribuição do gozo nas relações com o Outro.

Os três registros: real, simbólico e imaginário comparecerão e influenciarão nas mudanças do ponto de vista do sujeito, modificando as cenas lúdicas. Num primeiro momento do brincar, a criança brinca e é vista brincando e o Outro participa como companheiro da constituição do sujeito. Em seguida, o sujeito passa a se

ver no sonho diurno. A cena lúdica hipnotiza as crianças que passam horas se imaginando nas cenas. Nesse tempo se produz o ocultamento como efeito do pudor sentido ao relatar seus sonhos, como se fosse “dique pré-recalque” (Flesher, 2012, p. 101).

As cenas fantasmáticas são um ensaio para a futura colocação no mundo, as brincadeiras com personagens que representam seus papéis ideais implica na perda e recuperação de identidades, numa fantasia conjugada no pretérito imperfeito: brincar de faz-de-conta-que-eu-era (Flesher, 2012; Jerusalinsky, 2004), o que permite a antecipação da vida adulta.

O resultado da operação de alienação-separação posiciona o sujeito na estrutura, na junção entre o discurso familiar anterior ao sujeito e sua escolha defensiva em relação ao que é traumático nesse discurso, adentrando, assim, no campo da linguagem. A origem da fantasia está nesse tempo inaugural do sujeito, onde o simbólico, por efeito da entrada do Nome-do-Pai, limita o gozo mortífero, ao mesmo tempo em que permite a criança criar outras formas de gozar (Ciaccia, 2005; Jerusalinsky, 2004; Oliveira, 2008; Santa-Roza, 1993; Souza, 2007).

Souza (2007) aponta que a partir do conceito laciano de sujeito barrado como efeito da linguagem foi possível compreender a fantasia como uma defesa à castração estrutural do Outro. A criatividade se confunde com as escolhas da defesa contra o trauma original. Deste modo, a repetição ocorreria pelos mecanismos inconscientes de deslocamento e condensação, num movimento necessário à promoção da ligação pulsional ao recalque originário, numa tentativa de elaborar essa experiência impressionante que é a ausência da mãe.

Como resultado das operações de alienação e separação, o fantasma fundamental estará presente nas fantasias de todos os sujeitos, produzindo um texto capaz de recriar no simbólico, o que é da ordem do impossível e do intolerável no registro do real, idealizando-o no imaginário (Flesher, 2012; Jerusalinsky, 2004; Oliveira, 2008). De acordo com Oliveira (2008), os ensinamentos lacianos ensinam que é função da análise atravessar a fantasia fundamental, a fim de que o sujeito possa tomar consciência dos significantes que intermedeiam sua relação com o real.

Na clínica psicanalítica com crianças se aposta em um sujeito faltoso. Deste modo, os limites impostos são a evidência de sua incompletude lógica, como traços singulares do tempo em que esse sujeito se encontra, bem como os recursos utilizados pela criança para expressar seu fantasma, a exemplo do brincar, são problemas reais para o analista que atende crianças, pois ocupam um lugar relevante na própria estrutura do

ser humano.

A estrutura se impõe na análise e compromete os três registros na experiência transferencial. Deste modo, o que interessa ao psicanalista é o manuseio do seu corpo e dos brinquedos pela criança durante as encenações fantasmáticas (Vidal, 1992). O corpo do analista também entra nesse circuito pulsional, a partir da vontade da criança, que o incluirá como vivente da fantasia.

O sujeito procura ser reconhecido a partir de sua fala. Então, faz-se necessário convocar a criança para que brinque/fale, essa tarefa nem sempre é fácil diante daquelas crianças que aparentemente não brincam, mas que de alguma forma nos dão pistas de como estão se estruturando.

O ato analítico faz a fala circular, seja pela brincadeira ou pelo semblante, elevando os atos da criança “à dignidade de metáfora de sua posição subjetiva” (Ciaccia, 2005, p. 45). O analista, diante do falar/brincar que a criança propõe, se inclui como sujeito num campo intersubjetivo, onde as brincadeiras se sobrepõem no cenário armado pela criança (Kraemer & Betts, 1989).

É importante notar que, o analista entra no circuito pulsional, mas sua presença deve estar em reserva (Jerusalinsky, 2004; Santa-Rosa, 1993; Vidal, 1992), uma vez que, o exercício de sua fantasmática é velado pelo desdobramento da fantasia. O analista encarna essa posição de alguém suficiente que oferece à criança uma trajetória simbólica com a qual lida com sua insuficiência, abrindo espaço e dando tempo para que as fantasias inconscientes apareçam e a criança possa trabalhar sua fantasmática na brincadeira (Jerusalinsky, 2004).

Embora saibamos que os pais são os responsáveis por levar seu filho à clínica psicanalítica, levando demandas e questionamentos acerca do sintoma ao analista, é sobre o fantasma fundamental da criança que se trabalha na análise. Portanto, pensar a condução do tratamento psicanalítico orientada pela ética da responsabilidade é abrir espaço para a implicação das crianças sobre suas escolhas, responsabilizando-as pela sua ida à clínica e sobre o percurso terapêutico para que se tornem senhores de seus atos e de sua enunciação (Flesher, 2012; Freud, 1920/2010c; Souza, 2007).

Ao contrário, a desimplicação (a não implicação) da criança e um excesso de dedicação ao cuidado podem direcionar o tratamento analítico para uma “cura”, dificultando a responsabilização da criança pelas suas escolhas, em vez de viabilizar a análise de sua subjetivação (Kraemer & Betts, 1989; Souza, 2007).

A variação entre um tratamento direcionado para a ética da responsabilização e à dedicação ao cuidado

do sofrimento da criança também diz respeito ao fantasma do adulto, e à representação que ele tem da infância. De modo que, o analista participa do processo analítico com suas formações inconscientes. Assim, de acordo com Ciaccia (2005), é preciso que o analista fale em seu nome próprio, sustentando com seu estilo e capacidades seus atos analíticos, pondo em jogo sua própria imagem, interesses e desejos, isto é, se responsabilizando pelo que lhe cabe no processo terapêutico.

A proposição de um trabalho analítico com crianças a partir do lúdico se dá no intuito de que o sujeito possa encontrar um modo de significar seus impasses no desenvolvimento, bem como falar de suas angústias, frente ao sintoma, ao mesmo tempo em que também se responsabiliza pelos seus atos.

Os autores contemporâneos orientados pelas produções advindas da clínica psicanalítica freudo-lacaniana vêem no brincar um dos caminhos possíveis para a escuta do sujeito na infância, discurso este produzido a partir da significação das vivências de um modo menos doloroso. As atividades desenvolvidas na brinquedoteca e sala de espera se sustentavam em uma presença em reserva, observando as interações e também interagindo com as crianças e seus cuidadores, em sua maioria mães e avós, atenta as manifestações do sujeito e impasses na constituição psíquica, por meio do uso simbólico dos objetos lúdicos, ao mesmo tempo intervindo em alguns momentos para a produção de efeitos no sujeito a fim de que ele se responsabilize pelos seus sintomas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura das ideias dos autores contemporâneos acerca da clínica psicanalítica com crianças considerou a interface do brincar com os tempos do sujeito e na sustentação de uma clínica psicanalítica com crianças que considera a fantasia uma produção discursiva no tempo da infância para falar do sofrimento e dar sentido as vivências.

Por acreditar que o brincar contribui para que o sujeito signifique suas experiências, bem como fale de seu sintoma e de seus impasses no desenvolvimento, ao mesmo tempo em que também se responsabiliza pelos seus atos é que se realizou esse estudo teórico sobre o brincar no campo psicanalítico.

Concomitante a realização dessa pesquisa foram desenvolvidas intervenções na sala de espera e brinquedoteca de uma instituição não-governamental que atua na área da saúde com a primeira infância na cidade de Fortaleza. As atividades foram orientadas pela psicanálise freudo-lacaniana e dos autores apresentados nesse trabalho e intentaram realizar a

escuta das crianças que frequentavam as atividades institucionais a partir de sua rede de significantes e possíveis sintomas relacionados à privação alimentar e situações de vulnerabilidade socioeconômica.

A apropriação da teoria psicanalítica sobre o brincar e sua relação com a constituição do sujeito pode auxiliar na construção de espaços que proporcionam a capacidade lúdica e o agenciamento de narrativas criativas, por meio do brinquedo, do desenho, do faz-de-conta, das cirandas e jogos ou de outros objetos, a fim de que o sujeito possa expressar suas fantasias e dar sentido as suas vivências no laço social. Acredita-se que a exposição das ideias de teóricos como **Ciaccia (2005), Flesher (2012), Kraemer e Betts (1989), Jerusalinsky (2004), Oliveira (2008), Santa-Roza (1993), Souza (2007) e Vidal (1992)** auxilia na formação daqueles que desejam intervir na primeira infância a partir das produções da clínica psicanalítica, seja em espaços particulares e individuais ou em instituições não governamentais ou públicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ciaccia, A. D. (2005) A prática entre vários. In Lima, M. M.; Altoé, S. (Orgs.). *Psicanálise, clínica e instituição* (pp. 34-54) Rio de Janeiro, RJ: Rios Ambiciosos.
- Flesher, A. (2012) Os tempos do brincar. In Flesher, A. *A psicanálise de crianças e o lugar dos pais* (pp. 70-80) (Aguiar, E., trad.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Freud, S. Introdução ao Narcisismo (1914/2010a). In: S. Freud. *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos* (Obras completas, v. 12) (pp. 13-50) (Souza, P. C., trad.). São Paulo: Cia da Letras.
- Freud, S. A negação (1925/2010b). In: Freud, S. *O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos (1923-1925)* (Obras Completas, v. 16 (pp. 275- 282) (Souza, P. C., trad.). São Paulo: Cia da Letras.
- Freud, S. Além do princípio do prazer (1920/2010c). In Freud, S. *História de uma neurose infantil ["O homem dos lobos"], Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)* (Obras completas, v.14) (pp. 161-240) (Souza, P. C., trad.). São Paulo: Cia das Letras.
- Freud, S. O início do tratamento (1913/2010d). In: Freud, S. *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranóia relatado em autobiografia ["O caso Schreber"], Artigos sobre técnica e outros textos* (Obras completas, v.10) (pp.163-192) (Souza, P. C.,

trad.). São Paulo: Cia da Letras.

Freud, S. Escritores criativos e devaneio. (1908[1907]/2006). In Freud, S. *Gradiva de Jensen e outros trabalhos* (Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. 9) (pp. 135-143). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1926[1925]/1996a) Inibições, sintomas e ansiedade. In: Freud, S. *Um estudo autobiográfico, Inibições, sintomas e ansiedade, A questão da análise leiga* (Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 20) (pp. 81-171). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905/1996b). In S. Freud. *Um Caso de Histeria. Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos* (Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. 7) (pp. 135-251). Rio de Janeiro: Imago.

Jerusalinsky, A. (Org.) *Psicanálise e desenvolvimento infantil: um enfoque transdisciplinar*. (Lichtenstein, D. M., trad.). Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004.

Kraemer, G. M. & Betts, J. (1989) O brincar e o significativo. In Souza, A. M. (Org.) *Psicanálise de criança*. (Callegari, A. I. trad.) (pp. 89-94). Porto Alegre: Artes Médicas.

Lacan, J. (1953/1978) Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise. In: Lacan, J. *Escritos*. (Oseki-Depré, I., trad.) (pp.101-187). São Paulo: Perspectiva.

Lacan, J. O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada pela psicanálise (1949/1998). In Lacan, J. *Escritos* (pp.96-103). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. *Seminário. Livro 1: os escritos técnicos de Freud* (1953-1954/1986). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. *Seminário. Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964/2008). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Oliveira, M. P. A fantasia em Melanie Klein e Lacan. (2008). *Mental*. Barbacena, 6 (11), 107-123. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1679-44272008000200007&script=sci_arttext

Santa-Roza, E. (1993) Brincar e linguagem. In Santa-Roza, E. *Quando brincar é dizer: a experiência psicanalítica na infância*. (pp. 49-52). Rio de Janeiro, RJ: Relume-Dumará.

Souza, O. (2007). Defesa e criatividade em Klein, Lacan e Winnicott. In Bezerra Jr., B & ORTEGA, F. *Winnicott e seus interlocutores*. (pp.315-344). Rio de Janeiro, RJ: Relume Dumará.

Vidal, M. C. V. Questões sobre o brincar. (1992). *Letra Freudiana*. Rio de Janeiro, 10 (9), 43-49. Recuperado de <http://www.escolaletrefreudiana.com.br/UserFiles/110/File/artigos/letra09/006.pdf>

Recebido em: 09/04/2017
Primeira decisão editorial em: 31/08/2017
Versão final em: 31/08/2017
Aprovado em: 31/08/2017